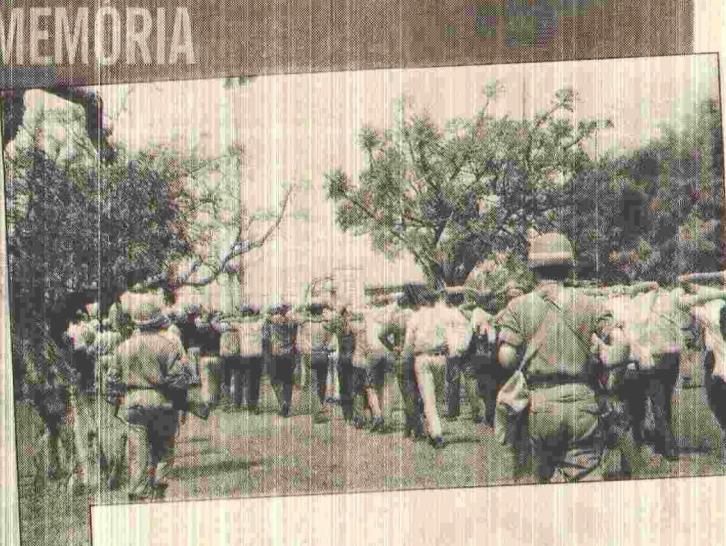


MEMÓRIA



Arquivo/Agência O Globo



Marcelo Camarão/21-09-1992

INVASÃO
DA UnB por
policiais do
Exército e o
comício das mulheres
pedindo Diretas Já: duas
cenas que marcaram a
História de Brasília



A COMEMORAÇÃO pela
eleição de Tancredo Neves e
a mobilização de jovens
caras-pintadas que tomaram
as ruas para pedir o
impeachment do então
presidente Fernando Collor
de Melo: exemplos de
manifestações democráticas

Luiz Sáto/15-01-1985

A obra parou

• As obras corriam em ritmo frenético, mas houve um dia em que Brasília parou: foi na morte do engenheiro Bernardo Sayão, em janeiro de 1959. Sayão era considerado um desbravador de sertões. A queda de uma árvore, no desmatamento da Belém-Brasília, o matou. Seu corpo ocupou a primeira sepultura no Cemitério Campo da Esperança.

Pelo mundo

• O ano da inauguração de Brasília foi de grandes acontecimentos: Fidel Castro nacionalizava as empresas americanas em Cuba. John Kennedy era eleito presidente dos EUA e o anticoncepcional chegava ao mercado.

Sem nota

• Dados da Fundação Getúlio Vargas mostram exemplos de como era difícil a contabilidade daquela obra. Em muitos casos, não havia recibos, e a justificativa de despesa chegava como simples vales manuscritos. Um posto do Banco do Brasil foi levado para lá, e os funcionários dormiam nos barracos de madeira.

A tradição da pizza na capital

A História de Brasília se confunde com a da pizzaria Dom Bosco, inaugurada em abril de 1960. Proprietário da loja desde 1968, Enildo

Vedrossimo Gomes, de 64 anos, conta que a Dom Bosco é o único estabelecimento que se manteve em funcionamento na quadra Comercial 107 Sul, desde a inauguração da capital. O lugar é pequeno, e a pizza — a mais tradicional da cidade e de apenas um

sabor: mussarela — é saboreada pelos clientes em pé no balcão. Segundo Enildo, essa é uma tradição que vem dos tempos da construção da cidade.

— Estamos na quarta geração de clientes — conta ele, que vende cem pizzas por dia.



Sérgio Marques

TESTEMUNHAS DA HISTÓRIA

Enildo é
dono da
pizzaria
mais antiga
de Brasília

sabor: mussarela — é saboreada pelos clientes em pé no balcão. Segundo Enildo, essa é uma tradição que vem dos tempos da construção da cidade.

— Estamos na quarta geração de clientes — conta ele, que vende cem pizzas por dia.

Do ideal
à cadeia

Brasília, que já protagonizou atos políticos de grande importância para a História, completa 50 anos em meio a escândalos e crise

Inaugurada quatro anos antes do golpe militar, Brasília foi palco de manifestações, de perseguições e de redenção para o povo brasileiro. Desde as invasões da polícia ao campus da Universidade de Brasília (UnB) até a abertura política e a luta pela emancipação, com a obtenção do direito de eleger diretamente seus governantes, a população amadureceu politicamente junto com a democracia. Mas, hoje, a cidade nascida de um sonho empreendedor convive com a incerteza de mais um mandato-tampão após a cassação do governador José Roberto Arruda. É a Brasília dos grandes homens que entraram para a História aos pequenos que mancharam a imagem da capital. Por ironia, num fato que também entrou para a História do país, já que Arruda foi o primeiro governador a ser preso por corrupção no exercício cargo.

— Como toda cidade, Bra-

sília está aprendendo com seus próprios erros — analisa o presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante.

— A própria saída do governador Arruda demonstra que as instituições estão amadurecidas, pois foi um recuo para avaliação dos erros e aprendizado, e o que se espera da população é que faça uma boa escolha nas próximas eleições para que a cidade possa voltar a avançar — diz ele.

No sábado passado, foi eleito, para um mandato-tampão, o deputado distrital Rogério Rosso (PMDB), ligado aos ex-governadores Arruda e Joaquim Roriz, este também investigado por corrupção. Depois de Arruda, em pouco mais de dois meses, o DF já está no terceiro governador, nenhum deles com um perfil condizente com o sonho original dos idealizadores da capital federal.

No início da trajetória política da capital federal, a elite acadêmica dominava o debate, e atraía então a atenção das forças repressoras. As invasões da UnB eram seguidas de manifestações dos estudantes na W3 Sul, centro comercial da cidade. Na última invasão do período militar, em 1968, o presidente da Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (Feub), Honestino Guimarães, e colegas estudantes foram presos por agentes do

Departamento de Ordem Política e Social (Dops). O arquiteto Carlos Magalhães, que integrou o Conselho Fiscal da Associação de Servidores da Novacap, se recorda que, com o início da ditadura, o grupo que participou da construção passou a ser pressionado e detido para interrogatórios.

— Sofrímos uma pressão fantástica — conta.

— Muita gente foi presa sem necessidade.

O arquiteto cita a demissão coletiva de 230 professores da Universidade de Brasília, que abandonaram as aulas e deixaram a capital federal em protesto contra a perseguição.

— Niemeyer não estava no país, só voltou em dezembro, mas foi detido assim que deixou o navio — recorda.

Quando chegou a abertura política, nos anos 80, a população de Brasília finalmente começou a tomar posse dos espaços públicos, organizando passeatas e carreatas na Esplanada dos Ministérios. Além do movimento das Diretas Já, a Esplanada também viu o povo se mobilizar num "panelão" para protestar contra a alta de preços. A luta pela emancipação política da capital, com a criação da Câmara Legislativa e a convocação de eleições diretas para governador, levou a população a tomar a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes.

Nas manifestações que pediram o impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello, adolescentes se pintaram de verde e amarelo e invadiram os espelhos d'água do Congresso Nacional. Sindicatos de trabalhadores e representantes de entidades como o Movimento dos Sem Terra (MST) realizam há pelo menos 20 anos passeatas periódicas nas imediações do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal.

Carlos Magalhães acredita ter uma explicação para as mazelas que até hoje expõem o nome da cidade no noticiário policial.

— Teve gente que veio sabendo que estava participando de um projeto bom para o Brasil, mas outros vieram só para ganhar dinheiro, fazer a vida.

Para ele, esse segundo grupo acabou originando a cultura de busca de benesses e corrupção que atualmente arrinha a imagem de Brasília.

O GLOBO NA INTERNET
► Teste seus conhecimentos sobre a capital federal
oglobo.com.br/pais

Givaldo Barbosa



Reprodução

Linha direta no Planalto

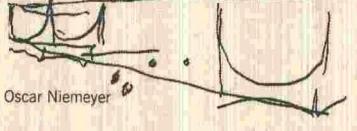
• Georgina Zanetti está prestes a completar 50 anos de serviços prestados ao serviço público e, para comemorar o feito, deve ganhar uma medalha de ouro cunhada na Casa da Moeda do Brasil. É a telefonista mais antiga da Presidência da República. Começou a trabalhar no Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente, que ficou pronto antes do Palácio do Planalto. As responsabilidades ali são tão grandes que nem mesmo pôde assistir à festa da inauguração de Brasília em 1960. Estava sozinha no serviço e não podia



GEORGINA, 50 anos de dedicação ao trabalho

abandonar o telefone. As ligações interurbanas do presidente precisavam ser pedidas com algo entre 12 e 24 horas de antecedência. Naquela época, fazia também vezes de secretária do presidente e o versátil aparelho que maneja hoje estava longe de existir em Brasília. Mas não se queixa e tem orgulho do que faz.

BRASÍLIA 50 anos



"Tenho a impressão de que estou desembarcando num planeta diferente, não na Terra"

Yuri Gagarin, em 1961